



## A NAU DAS LOUCAS DE JOSSE BADE: A LOUCURA E O PECADO GUIADOS PELOS CINCO SENTIDOS

Úrsula Antunes dos Santos <sup>1</sup>

**Resumo:** A obra *A Nau das loucas* escrita em 1498 por Josse Bade, em Lyon, faz parte do que se convencionou chamar de Literatura dos Loucos, e foi abertamente influenciada pelo best-seller *A Nau dos Insensatos*, composta quatro anos antes na região da Alsácia. Assim como na obra germânica, a obra francesa aborda de forma didatizante, questões que dizem respeito à moral e aos preceitos religiosos, no período em que há o florescimento do Humanismo; porém tomando por foco principal a figura da mulher.

O presente artigo pretende apresentar de que forma Bade associa o universo feminino ao pecado, tomando Eva como principal símbolo da existência do pecado e da loucura.

**Palavras-chave:** Figura feminina, Literatura dos loucos, Pecado.

**Resume:** L'oeuvre *La nef des folles*, écrite en 1498 par Josse Bade, à Lyon, fait partie de ce qu'on appelle conventionnellement « La Littérature des Fous », et fut publiquement influencée par le best-seller *Das Narrenschiff*, écrit quatre années avant dans la région de l'Alsace.

Tout comme l'ouvrage germanique, elle aborde de façon didactique des sujets concernant la morale et les préceptes religieux, dans une période où on connaît l'avènement de l'Humanisme, ayant la figure féminine comme la cible principale.

L'article ci-dessous envisage présenter comment Bade associe l'univers féminin au péché, étant Eve le symbole majeur de l'existence du péché et de la folie.

**Mots-clés:** Figure féminine, Littérature des fous, Peché.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Letras Português-Alemão pela UFRJ e pós-graduanda em História Antiga e Medieval na Faculdade São Bento. Participa do Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Literatura da Idade Média (NIELIM).

*A Nau das Loucas* escrita em Lyon por Josse Bade, primeiramente em 1498 em latim, e sendo posteriormente traduzida para o francês e impressa em Paris, é uma obra que faz parte do que podemos chamar de literatura dos insensatos, gênero literário que floresceu no fim do século XV. A literatura dos insensatos traz à luz de maneira satírica e ao mesmo tempo moralizante questões que dizem respeito ao que muitos consideravam o deterioramento moral vivido na Europa, que culminou na Reforma e na Contra-Reforma.

Josse Bade tem como inspiração a obra de Sebastian Brant, *A Nau dos Insensatos*, mas dedica sua obra unicamente àquilo que tange a figura feminina, colocando os sentidos e a insensatez intimamente ligados à feminilidade e à genética do pecado. Como coloca Porto (2003: 2) Bade “associa ao tema da loucura, o da misoginia e o dos cinco sentidos e sua relação com o pensamento medieval e religioso.”

Utilizando a imagem bastante recorrente durante os séculos XV e XVI de uma nau que atravessa os rios e mares levando para o exílio aqueles que devem ser apartados do convívio dos sãos, Bade retrata em sua obra uma comitiva de embarcações unicamente tripulada por mulheres, sendo capitaneada por Eva, a qual é apresentada, logo no primeiro capítulo, como “a mãe de todas as loucuras”.

Apresentando Eva como a capitã dessa comitiva, Bade apropria-se de metáforas imagéticas, culturais e religiosas que estão intimamente atreladas à Eva: sendo a primeira mulher criada por Deus, foi também aquela que permitiu a expulsão do Éden, condenando a humanidade ao desalento e ao pecado. Eva, que por dar vazão aos instintos impulsionados pelos sentidos, mostra-se como o modelo da natureza feminina em estado bruto. Eva, que desde a sua criação está ligada ao mundano e ao carnal (uma vez que veio da costela de Adão), expõe a sua fragilidade ao permitir que os sentidos comandem suas atitudes.

Como sugerido já no Prólogo, colocando os males e vícios humanos como provenientes do comando dos sentidos em detrimento da razão, Bade apresenta os sentidos ligados à insensatez e ao mais ordinário, e a razão ligada ao que há de mais elevado e ordenado. Vemos assim a proposição de uma retomada do pensamento platônico, no qual o mundo se divide em sensível e ideal. O mundo sensível é inferior, apenas uma representação do mundo das idéias, sendo a ele submetido. Analogamente, vemos como Bade propõe que os sentidos sejam submissos à razão. Sendo o insensato, como define Rupprich, “(...) não apenas risível, mas também censurável e digno de pena.

Ele é uma criatura moralmente inadequada.<sup>2</sup> (1970: 582), ou seja, alguém que subverte a ordem sentidos submissos à razão, as mulheres seriam naturalmente propensas a serem insensatas e moralmente repreensíveis.

Bade através de sua obra levanta questões de âmbito moral ligadas ao universo feminino, recuperando o discurso de diversos filósofos (tanto para criticar negativamente, quanto para fundamentar sua proposta) e, para tanto, apropria-se de passagens e imagens bíblicas. Tal recurso (também usado por Brant) procura dissuadir e persuadir o interlocutor através da fundamentação de suas propostas de reflexão didático-moralistas, partindo de elementos conhecidos e culturalmente introjetados no público. Como comentado anteriormente, o autor utiliza a imagem da nau (bastante difundida no Renascimento) para arrematar, através do recurso imagético, a proposta de crítica, não só às mulheres, mas ao sentimento de desordem e perda de valores, uma vez que a nau é o veículo que leva os homens ávidos por conhecer o novo mundo, a lançarem-se à própria sorte, deixando para trás a terra firme. A incerteza e o descrédito nesse mundo (o mundo conhecido) e a necessidade de buscar um novo mundo culmina no movimento cultural renascentista e, no âmbito religioso, na Reforma protestante (que já engatinhava desde o século XIV com Jon Huss e Wyclif).

De um lado, ainda vemos os valores pregados pela Igreja como culturalmente arraigados e, do outro, o sentimento de renovação e de descentralização religiosa e elevação do conteúdo humano no que diz respeito ao *modus vivendi e cogitandi* dos europeus. Bade preocupa-se, então, em trazer de volta os valores preconizados pela Igreja e fazer críticas à natureza mundana, identificada pelos sentidos, alertando aos homens para os malefícios esperados por aqueles que se submetem aos desígnios irracionais das mulheres, mostrados logo no Prólogo:

Como percebi que a primeira mácula dos mortais tinha decorrido mais da loucura da mulher que do homem, que os homens mais sábios, maiores e mais valentes, tais como o primeiro homem, Sansão, David, Salomão, escorregaram por terem se deixado fugar na rede da mulher, que nada parece ser, segundo os epicuristas, totalmente sedutor e agradável sem o sexo feminino (...) <sup>3</sup>

Apresentando uma crítica velada ao epicurismo, Bade apresenta o retrato da mulher como a primeira a provocar a mácula aos mortais, ou seja, a causadora do

---

<sup>2</sup> Tradução nossa.

<sup>3</sup> Tradução disponível em

[http://www.cafefilosofico.ufrn.br/gemt/monalisa/nau\\_da\\_loucas/nau\\_%20das\\_loucas\\_index.htm](http://www.cafefilosofico.ufrn.br/gemt/monalisa/nau_da_loucas/nau_%20das_loucas_index.htm)  
acessado em 25/03/2012.

pecado. O homem, sendo a personificação da racionalidade, deve, então, evitar sucumbir às tentações carnis, tentações essas que dizem respeito a inerente libido e volúpia femininas. Os Pais da Igreja já alertavam sobre a relação entre a mulher e o mundo físico, pois “todos os perigos do mundo físico que os Pais desaconselhavam por desviar o indivíduo das coisas espirituais, estavam encarnados na mulher” (SALISBURY, 1995: 43). A relação homem-espiritualidade e mulher-carne perpassa toda a Idade Média, tendo sido fortemente arraigada e fundamentada pelos Padres da Igreja a partir da consolidação do Cristianismo.

Tendo voz em sua elegia, Eva dirige-se aos interlocutores por meio de lamentos chorosos, falando de seus próprios erros, e convocando os interlocutores a se afastarem da nau da qual ela é capitã, além de citar “uma virgem que não será cúmplice de meu erro: ela esmagará a cabeça da pérfida serpente” (BADE, 1498)<sup>4</sup> referindo-se à Maria. Maria seria a contra-parte de Eva: aquela que virá para redimir os pecados iniciados por Eva, sendo o modelo de submissão e perseverança adotado comumente pela literatura medieval, juntamente com os modelos de Eva (a pecadora) e Maria Madalena (a arrependida), perpassando a produção da dita literatura empenhada, que era “sobretudo uma literatura moral religiosa, vigente e atuante desde os primeiros séculos do cristianismo (...)” (SPINA, 2007: 20), o que demonstra uma volta às raízes cristãs da literatura medieval no discurso explorado por Bade.

O percurso da louca viagem dessa comitiva de naus já é indicado pela própria Eva, ao serem enumerados os sentidos que a levaram a comer do fruto proibido, ao mesmo tempo em que exorta o afastamento dos homens das naus, como o único caminho da glória.

Composta de onze capítulos, a obra intercala cantos ritmados e prosa, no qual seis deles são dedicados exclusivamente à descrição de cada um dos sentidos e os males por eles causados (o Prólogo indica o caminho que o autor seguirá, levantando já algumas reflexões acerca dos sentidos), além do capítulo de explicação da obra, no qual ele apresenta as razões pelas quais se faz importante a discussão da moralidade atrelada aos sentidos e ao comportamento feminino. Ilustrada com 11 xilogravuras feitas pelo próprio autor, Bade congrega a imagética empregada nas xilogravuras ao texto escrito, provocando no interlocutor a identificação da imagem ao que está sendo posto em

---

<sup>4</sup> Tradução disponível em [http://www.cafefilosofico.ufrn.br/gemt/monalisa/nau\\_da\\_loucas/nau\\_%20das\\_loucas\\_index.htm](http://www.cafefilosofico.ufrn.br/gemt/monalisa/nau_da_loucas/nau_%20das_loucas_index.htm) acessado em 25/03/2012.

forma de canto ou prosa. Usando o mesmo recurso de Brant em identificar os tolos nas imagens por um gorro de asno, a diferença aparece no fato de a mulher, quando aparece como representante do sentido a ser discutido no capítulo, não vestir o gorro, mas apenas praticar alguma ação intimamente relacionada a algum dos sentidos (como, por exemplo, olhar-se no espelho, tocar violão no meio de vários homens – tolos-), além de Eva, que não aparece com o gorro, mas dialoga com uma serpente com face de mulher enrolada em uma árvore:



**Imagem 1: Eva como capitã da Nau das loucas.<sup>5</sup>**

A ilustração acima apresenta as características comumente exploradas nas demais xilogravuras. É interessante observar a serpente enquanto animalização do ser feminino. A serpente, que com a sua fala insidiosa, tentou Eva a comer do fruto proibido, é em outros momentos identificada como o instrumento do demônio. Dessa forma, Bade amalgamou duas concepções fortemente deflagradas pela Igreja e arraigadas no imaginário popular: o tagarelar e o maldizer como algo preponderantemente feminino, e a mulher como o instrumento comum usado pelo demônio para desviar os homens do caminho de Deus. “A associação da mulher com as seduções tanto do discurso como da carne é, certamente, tão antiga quanto o próprio *Gênesis*, e qualquer tentativa de tratar dela não pode lidar com a história da Criação” (BLOCH, 1995: 31). Sendo assim, logo nos primeiros momentos da existência feminina, a fala e o discurso são as armas constantemente usadas pelas mulheres para desviar e enganar a razão e o espírito, desviando-o do caminho e, como aconteceu na Criação, condenar o homem a sofrer as conseqüências desse desvio.

<sup>5</sup> As xilogravuras colocadas no artigo podem ser encontradas em [http://www.cafefilosofico.ufrn.br/gemt/monalisa/Nef\\_Drouyn\\_index.htm](http://www.cafefilosofico.ufrn.br/gemt/monalisa/Nef_Drouyn_index.htm) acessado em 18/01/2012.

Adiante nos capítulos, Bade apropria-se do discurso e de exemplos de figuras femininas de diversos âmbitos do imaginário não só cristão, mas cunhados também na cultura ocidental, como Vênus (mencionada diretamente em 4 capítulos), Diná, Safo e Penélope. Valendo-se desses exemplos, Bade articula seus argumentos procurando atacar atitudes e episódios largamente difundidos que giram em torno do universo feminino e, igualmente, fustigando a dissolução moral e a inversão de valores pelas quais o mundo passava. Como bem aponta Chartier (2010: 40)

as transações entre as obras e o mundo social não consistem unicamente na apropriação estética e simbólica dos objetos ordinários, de linguagens, de práticas rituais (...). referem-se, mais fundamentalmente, às relações múltiplas, móveis, instáveis amarradas entre o texto e suas materialidades, entre a obra e suas inscrições.

Não obstante uma releitura de clássicos e um resgate da visão da Igreja como modelos de moral, vemos um exercício renascentista justamente ao buscar não só no discurso eclesiástico, como também em obras clássicas, a fundamentação de uma crítica irônica; cujo foco é aparentemente misógino em primeira e única instância, mas que não deixa de criticar em uma segunda camada de leitura a concupiscência e a leviandade do homem como um todo, apresentando o pecado como algo a ser rejeitado, mas que não pode ser de todo eliminado, uma vez que faz parte da natureza carnal que, no entanto, prepondera e aflora de forma mais contumaz nas mulheres. Eva abriu os caminhos do pecado e por isso é colocada (assim como as filhas de Eva) como elemento central das críticas morais: ataca-se a origem da dissolução moral, para se atingir também os elementos periféricos.

A prática constante da racionalidade é mostrada como algo preferível, mas, igualmente, muito difícil, mesmo para os homens (que seriam primordialmente mais racionais), pois eles não podem ver-se livres da contraparte carnal de sua existência. Como o próprio Santo Agostinho expõe em suas *Confissões*, é necessário procurar dentro de si a própria força moral (que ele coloca como a busca de Deus) para não sucumbir aos prazeres carnis, através de um exercício de continência e perseverança. A razão é por ele identificada como uma graça suprema de Deus aos homens: “Os sentidos não querendo colocar-se humildemente atrás da razão, negam-se a acompanhá-la. Só porque, graças à razão, merecem ser admitidos, já que se esforçam por precedê-la (a razão)” (AGOSTINHO DE HIPONA, 1975: 274). Vemos, então, que mesmo para um Pai da Igreja, aniquilar os sentidos é algo impossível, sendo a única solução possível

para seu controle colocar os sentidos a serviço da razão e conter os impulsos mais irracionais.

Podemos perceber uma analogia da relação homem-mulher, uma vez que, tendo Deus criado Eva para não permitir que Adão ficasse só, a união com o feminino se torna parte indissociável da vida daqueles que prosseguem uma vida não sacerdotal. No entanto, algumas passagens dos Coríntios podem ser postas em paralelo ao trecho acima citado de Agostinho de Hipona:

Mas quero que saibas que o senhor de todo homem é Cristo, senhor da mulher é o homem, senhor de Cristo é Deus(...) Com efeito, o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher do homem(...). Por isso, a mulher deve trazer o sinal da submissão sobre sua cabeça. (I Coríntios 3,8,9,10)

Assim sendo, a mulher deve se submeter ao homem, assim como os sentidos devem se submeter à razão, mas não se deve necessariamente apartar-se por completo da carnalidade. No entanto, o que Bade expõe em sua obra, através de uma alegoria primordialmente exposta pela natureza essencialmente pecaminosa da mulher, configura-se numa verdadeira crítica à crescente perda de valores e inversão da ordem natural da moral, sendo isso identificado como loucura e caos, “um mundo onde a loucura conduz toda uma ronda dos defeitos, a dança insana das vidas imorais” (FOUCAULT, 1978: 151), um mundo em que há um choque entre preceitos cristãos católicos com a efervescência de novos pensamentos filosóficos e teológicos.

Mesmo tomando o discurso eclesiástico como base fundamental de suas reflexões, Bade apresenta suas críticas, usando-o como ferramenta de moralização. Vemos de forma bastante clara um exercício de racionalização do discurso da Igreja e uma moralização da religião. Josse Bade resgata um neoplatonismo cristão para fundamentar questões de ordem temporal. O autor não mostra uma preocupação exacerbada com a ascese espiritual, mas sim com os códigos de conduta desejáveis no contexto europeu do fim do século XV. Há uma identificação da alma com a razão, mas existe uma preocupação muito maior no que diz respeito às atitudes de intervenção do homem na materialidade do que com uma evanescência espiritual ou o mundo imaterial.

Colocando o intelecto como o caminho da salvação, Bade atribui ao exercício da ponderação a responsabilidade pela salvação da Alma, não negando, no entanto, por completo o secularismo da existência humana. É papel do homem, portanto, conduzir a mulher, em sua natural fragilidade carnal, à obediência da racionalidade masculina.

Uma última questão a ser levantada diz respeito à efemeridade e à eternidade, que aparece na sétima xilogravura, no capítulo no qual é feito um apelo para um afastamento dos impulsos das seduções carnavais. Tal capítulo chama a atenção, pelo fato de ser o mais profundo na questão espiritual, sem, no entanto, deixar de fora as trocas materiais do homem com o mundo.



Imagem 2: Gaudamus<sup>6</sup>

A imagem mostra uma embarcação carregada de loucas e outras loucas que seduzem, através do canto, outras mulheres a embarcarem nessa nau da alegria. No entanto, devemos nos lembrar da diferença entre *gaudium* e *felicitas*, que em uma tradução menos comprometida, poderiam significar sinonimamente “felicidade”, mas que, no contexto cristão, denotam uma importante disparidade.

*Gaudium* diz respeito à alegria e aos prazeres, ou seja, ao que se convencionou chamar de hedonismo: um aproveitar-se da euforia e da suposta efemeridade da existência. Já *Felicitas* corresponde ao conceito cristão de felicidade. Essa felicidade diz respeito à busca de Deus através das suas atitudes na Terra, com vistas a agradecer pela Graça suprema da vida. Uma vez que, durante toda a sua obra, Bade criticou ferrenhamente o epicurismo, ele deixa claro nesse capítulo a necessidade de apoiar-se na figura de Deus para afastar do ser humano uma existência vazia de razão. Apesar de afirmar que “utilizar contra essas palpitações e esses pruridos sensuais do corpo, não digo um freio que lhes contenha ou lhes reprima, pois é muito difícil, (...)”<sup>7</sup>, ele apresenta a força divina e a busca de um espírito são em um corpo são como o equilíbrio desejável para uma felicidade, que só é atingida a partir da ponderação, mas não despreza a força humana no que diz respeito a essa busca da felicidade e da existência digna. Todo e qualquer esforço racional para afastar de si o que é pecaminoso

<sup>6</sup> Capturada no sítio anteriormente citado.

<sup>7</sup> Tradução referenciada op.cit.

passa, principalmente, por um filtro de ponderação do uso dos sentidos, que, sendo graças (ordinárias) de Deus, fazem parte da natureza humana, mas devem ser racionalizados no que diz respeito à intervenção e ao comportamento de homens e mulheres em suas vidas terrenas.

Deste modo, percebemos o quanto a moralização racional do pensamento eclesiástico torna-se o ponto de apoio fundamental na argumentação de Bade durante o desenvolvimento da sua obra. Logo após esse apelo, há também uma exortação direta e crítica em relação à dicotomia das sensações sedutoras da carne através do engano dos sentidos como a felicidade alcançada através da moderação e do exercício cristão da racionalidade.

Concluimos, pois, que apesar de Josse Bade haver colocado como centro de suas críticas a loucura intimamente ligada ao comportamento feminino, elas também referem-se à perda de valores morais da sociedade como um todo, não só das mulheres. Em seu capítulo final de exortação, Bade deixa bastante claro que se dirige a todos aqueles que vivem uma vida desregrada, obtusa, em que os prazeres carnavais preponderam em relação à continência e à submissão dos sentidos em favor da racionalidade. Apesar de colocar Vênus em seu capítulo apelativo como metáfora para a beleza efêmera e a voluptuosidade, seu apelo dirige-se a todos aqueles que, em detrimento da busca da verdadeira felicidade, pecam irracionalmente por não colocar rédeas nas sensações provocadas pela carne e, com isso, prejudicar tanto o espírito (o intelecto) quanto o corpo.

Por fim, o discurso primordialmente misógino de Bade, em verdade, acaba constituindo uma crítica ao epicurismo/hedonismo, além de apresentar uma visão racionalizada do discurso eclesiástico, sendo, por isso, uma obra que, mesmo retomando valores e tradições medievais literárias e filosóficas, já dá sinais da visão Renascentista e Humanista que perpassará a Idade Moderna.

**Fontes:**

BADE, Josse. **La nef des folles**. Traduzido do latim para o francês moderno por Charles Béné. Grenoble: Publications de l'Université des Langues et Lettres de Grenoble, 1979. Disponível em <http://w3.ugrenoble3.fr/ellug/index.html/fileadmin/template/ellug/Telechargements/Nef>. acessado em 25/03/2012.

**Bibliografia:**

**Bíblia de Jerusalém**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Editora Paulus, 2002

BLOCH, Howard R. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. São Paulo: Editora 34, 1995.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A história da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1964.

HIPONA, Agostinho de. **Confissões**. Porto: Apostolado da Imprensa, 1975.

PINSON, Yona. **Led by Eve. The large ship of female fools and the five senses(1498;1500)**. World& Image, vol. 26, n. 2 (april-june), 2010. Disponível em <http://tandf.co.uk/journals/tf/02666286.html> acessado em 25/03/2012.

PILOSU, Mario. **A mulher, a luxúria e a igreja na Idade Média**. Lisboa: Estampa, 1995.

PORTO, Maria Emília Monteiro. **A Nau das Loucas de Josse Bade: loucura, misoginia e trânsito de uma tradição**. Salvador: 2003 (artigo) disponível em [http://www.cafefilosofico.ufrn.br/gemt/monalisa/nau\\_da\\_loucas/nau\\_%20das\\_loucas\\_index.htm](http://www.cafefilosofico.ufrn.br/gemt/monalisa/nau_da_loucas/nau_%20das_loucas_index.htm)

\_\_\_\_\_. **A Nau das Loucas de Josse Bade: ambigüidade e pecado no discurso Renascentista**. Porto Alegre, 2004 (artigo) disponível em [http://www.cafefilosofico.ufrn.br/gemt/monalisa/nau\\_da\\_loucas/artigos/Lia\\_%20Ambiguidade%20do%20pecado\\_POA%202004.rtf](http://www.cafefilosofico.ufrn.br/gemt/monalisa/nau_da_loucas/artigos/Lia_%20Ambiguidade%20do%20pecado_POA%202004.rtf) acessado em 25/03/2012.

RUPPRICH, Hans. **Die deutsche Literatur vom später Mittelalter bis zum Barock**. Ester Teil. Das ausgehende Mittelalter, Humanismus und Renaissance.1370-1520. München: C.H.Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1970.

SPINA, Segismundo: **A cultura literária medieval**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

SALISBURY, Joyce. **Pais da igreja, virgens independentes**. São Paulo: Scritta, 1995.

**Sitiografia:**

[http://www.cafefilosofico.ufrn.br/gemt/monalisa/Nef\\_Droyn\\_2.htm](http://www.cafefilosofico.ufrn.br/gemt/monalisa/Nef_Droyn_2.htm) acesso em 18/01/2012.

[http://www.cafefilosofico.ufrn.br/gemt/monalisa/nau\\_da\\_loucas/nau\\_%20das\\_loucas\\_in\\_dex.htm](http://www.cafefilosofico.ufrn.br/gemt/monalisa/nau_da_loucas/nau_%20das_loucas_in_dex.htm) acesso em 18/01/2012.